

Emaús (palavra que significa «*fonte*» ou «*nascente*»)



Jesus e os dois amigos,
imaginados pelo pintor renascentista italiano ALTABELLO MELONE

com Cristo na estrada de Emaús

HAVIA, EM JERUSALÉM, UM HOMEM CHAMADO CLEÓPATRO (o nome é capicua do nome homérico «Pátroclo»), a quem os amigos tratavam pela alcunha «Cléopas». Este Cleópatro era discípulo de Jesus, Mestre a quem ele chamava «profeta poderoso na acção e na palavra» (Lucas 24:19). Após a crucificação e sepultura de Jesus – e decerto para limpar as ideias depois de tão traumático episódio – Cleópatro pôs-se a caminho, na companhia de um amigo (cujo nome nunca é referido), e fez a distância de 12 km que separava a cidade de Jerusalém de uma aldeia cujo nome apelaria, desde logo, a quem estava a precisar de limpar as ideias: Emaús (palavra que significa «fonte» ou «nascente»). No entanto, acabou por não ser o elemento líquido a limpar as ideias de Cleópatro, mas sim uma estranha ardência cardíaca.

A história de como Cleópatro ficou com as ideias bem limpas é contada no Capítulo 24 do Evangelho de Lucas e pode ser considerada das coisas mais arrepiantemente belas que alguma vez se escreveram.

Os dois amigos saem de Jerusalém e, como fazemos entre amigos, procuram digerir tudo o que tinha acontecido a Jesus falando sobre o assunto. Não sabemos quais foram as palavras que eles trocaram (pois não são explicitadas por Lucas), mas podemos imaginar o tom. Podemos imaginar a tristeza (ou mesmo a revolta) com que eles se debatiam. Seria possível terem pregado numa cruz Aquele homem? Seria possível que, mais uma vez, um profeta inocente tivesse sido cruelmente abatido? Seria possível que, mais uma vez, os ouvidos humanos tivessem reagido ao incómodo de palavras carregadas de Verdade com o gesto brutal de calar quem os incomodava ao proferi-las? Sim, era possível. Cleópatro e o amigo sabiam isso. Sabiam que, mais uma vez, o ser humano se tinha mostrado em toda a vileza da sua vulgaridade e pusera a nu a mesquinhez ordinária da sua alma. Não é difícil imaginarmos, de facto: a morte de Jesus deve ter deixado uma dor insuportável aos dois amigos que caminhavam na estrada de Emaús.

No meio da conversa, um homem estranho junta-se ao par que caminhava. Põe-se a ouvir a conversa deles e estranha, ao que parece, as suas palavras. Pelos vistos, este homem estranho é única pessoa das redondezas que não ouviu falar no que acontecera a Jesus. Os amigos ficam de imediato

desconfiados (a palavra grega usada por Lucas também significa «amuados»; da única vez que ela surge no Novo Testamento além desta passagem, significa «macambúzio» ou «cara de caso» em Mateus 6:16).

Cleópatro mal consegue acreditar: «serás tu o único a visitar Jerusalém que ignora os acontecimentos que lá se passaram nestes dias?» (Lucas 24:18). O homem estranho pergunta: «que acontecimentos?»

E Cleópatro conta-lhe o que acontecera. Fala-lhe de Jesus de Nazaré, esse «profeta poderoso na acção e na palavra». Fala da esperança de que ele viesse «resgatar» Israel. Para quem lê o Novo Testamento em grego, é supremamente interessante esta ocorrência do verbo «lutróô» («resgatar»), já que mais nenhum evangelista o utiliza e, na verdade, em todo o Novo Testamento, ele só ocorre aqui e em duas passagens raramente lidas (Tito 2:14; 1 Pedro 1:18). O helenista é logo levado a pensar no título antigo do Canto 24 da *Iliáda*, «Héktores Lútra» («O resgate de Heitor», que foi também o título de uma tragédia perdida de Ésquilo), até porque, mesmo no grego da época clássica, não encontramos muitas vezes palavras relacionadas com este campo semântico. A palavra fica bem na boca deste Cleópatro (nome, como referi, que é capicua de «Pátroclo»), homem que sabe o que está a dizer. E fica bem num episódio em que, como no Canto 24 da *Iliáda*, um ser divino intervém na vida humana e desaparece logo no momento em que é reconhecido. Lucas (quantas pessoas ainda não perceberam o alcance disto) é mesmo muito grego.

Cleópatro continua a contar ao homem estranho tudo aquilo que aconteceu: conta como as mulheres foram ao sepulcro de Jesus e encontraram «anjos» (o que é curioso, já que, justamente, no Evangelho de Lucas as mulheres vão ao túmulo e NÃO encontram anjos, ao contrário do que acontece noutros evangelhos). Esses anjos teriam afirmado que Jesus estava vivo. No entanto, segundo Cleópatro, ninguém o tinha ainda visto.

Neste momento, nós, leitores do Evangelho de Lucas, já estamos por dentro da fina ironia a que o evangelista está a recorrer. Nós sabemos (desde o versículo 15) que o homem estranho é Jesus. Cleópatro e o amigo, no versículo 25, ainda não perceberam.

Jesus dá-lhes uma resposta cheia de ressonâncias filosóficas («Ó homens sem

inteligência e lentos no coração!», que mais uma vez nos chama a atenção pelo vocabulário. Mais nenhum evangelista usa a palavra «anóêtos» («sem inteligência», «sem capacidade de pensamento») e mais nenhum emprega a palavra aqui usada para «lento» («bradús»). A palavra «anóêtos» (que na literatura grega ocorre praticamente só em Platão, Paulo e Plotino) tem no seu cerne a palavra «nous» («mente», «inteligência»), o que nos coloca perante a evidência de que Jesus está a falar em dois alicerces da fé: a inteligência e o coração. Este Jesus na estrada de Emaús, que sabe empregar uma palavra como «anóêtos», concilia o lado intelectual da crença com o lado emocional.

De seguida, Jesus «interpreta-lhes» a Escritura «começando desde Moisés». Essa interpretação, no Capítulo 24 de Lucas (ver também v. 44), centra-se na ideia questionável, porém já plenamente cristã, de que a chave de interpretação do Antigo Testamento seria a própria figura de Jesus. Mas, mesmo assim, Cleópatro e o seu amigo ainda não percebem quem têm ali ao seu lado. Chegam, por fim, à aldeia de Emaús e Jesus, talvez exasperado por eles serem tão brancos, quer deixá-los e seguir caminho. Mas eles insistem com ele para que fique: «é quase de noite e o dia já está no fim».

A narração de Lucas entra agora em modo ultra-sintético: «Ele entrou para ficar com eles». Não se diz onde entraram, mas partimos do princípio de que é a casa de alguém. «E aconteceu que, quando se pôs à mesa com eles, ele tomou o pão, pronunciou a bênção e, depois de o partir, deu <o pão> para eles <comerem>. Abriram-se os olhos deles e reconheceram-no. E ele tornou-se invisível <à vista> deles».

É agora que eles percebem porque lhes «ardia o coração quando ele nos falava pelo caminho» (24:32). E é agora que, graças a essa ardência cardíaca, tudo lhes faz sentido. Não foi, portanto, com água que, após a crucificação de Jesus, Cleópatro e o amigo limpavam as ideias na aldeia que significa «fonte». Foi a caminho da aldeia, com o coração a arder. Foi com Cristo, na estrada de Emaús.

Frederico Lourenço. Professor universitário. Prémio Pessoa 2016

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1777730539143527&set=a.1467959723453945.1073741829.100007197946343&type=3&theater> (05-11-2016)

O bispo Elizalde veta a nomeação de [José Antonio] PAGOLA para o grau de *Doctor Honoris Causa* pela Faculdade de Teologia de Vitoria.



“Estes bispos, se pudessem ou se se atrevessem, até corrigiam o papa Francisco. Estão à espera que termine o tempo deste papa, para voltarem à situação eclesial anterior”. (XABIER LARRAMENDI, em *Noticias de Gipúzkoa*, 01-04-2017).

“Franciscanear”: diz-se daqueles que “fazem como se” estivessem identificados e em sintonia com o atual papa Francisco. Apresentam-se com fachada e imagem pública de “franciscanos”, mas, na realidade, sentem desagrado e vivem em desacordo interior e prático com os gestos, a orientação pastoral e o modelo de Igreja do atual bispo de Roma. **Estão à espera que termine o tempo deste papa para voltarem à situação eclesial anterior.** Para alguns, especialmente para certos bispos, Francisco é um pesadelo, um parêntesis do qual esperam livrar-se quanto antes.

A renovação da Igreja pretendida pelo papa Francisco está amortecida, silenciada, boicotada a muitos níveis. **As dioceses bascas prosseguem o seu caminho sem alento renovador, “castradas”** por bispos presos ao passado, a um passado nada sinodal, corresponsável, como o papa proclama e deseja. E não podem dar aquilo que não têm. **Para ilustrar esta situação,** apresento, de seguida, um caso passado entre nós, uma clara demonstração do que acabo de afirmar.

A **FACULDADE DE TEOLOGIA DE VITORIA** celebra, este ano, o **quinquagésimo aniversário da sua criação, ocorrida em 1967.** Por este motivo, o Conselho da Faculdade tem vindo a reunir-se, por diversas vezes, para decidir os diversos eventos a realizar ao longo do ano. Há já alguns meses que este conselho, presidido pelo bispo da diocese de Vitoria, **Juan Carlos Elizalde,** abordou a possível concessão do título de *Doctor Honoris Causa* por aquela Faculdade. Após considerar diversos nomes, a maioria dos seus membros manifestou-se, por diversas razões, a favor de **JOSÉ ANTONIO PAGOLA, proposta que pareceu não agradar, de maneira nenhuma, ao bispo Elizalde.** Daí ter-se considerado oportuno amadurecer mais a decisão e tratá-la na reunião seguinte.

Ora, esta reunião ocorreu no passado dia 6 de março. Logo de início, antes de qualquer outra consideração, o bispo manifestou a sua decisão. Após, segundo ele, ter consultado os bispos de San Sebastián e de Bilbao e mais um ou outro membro da hierarquia, **declarou que a nomeação do teólogo Pagola para Doctor Honoris Causa iria provocar graves tensões, que ele não estava disposto a assumir.** Por isso, excluída a pessoa de Pagola, propôs o nome do padre Saturnino Gamarra, professor emérito da Faculdade,

na qual foi professor desde o seu início e diretor da revista sacerdotal *Surge* durante muitos anos.

Seguiu-se um intenso debate que se prolongou mais do que o previsto. Que tensões poderia provocar a proposta do nome de José Antonio? E da parte de quem? **A Congregação romana da Doutrina da Fé já se pronunciara, afirmando que a obra de Pagola não continha nenhuma doutrina herética** contrária à fé. Então o que é que poderia incomodar agora? A decisão da Faculdade de Vitoria ou a sentença de Roma? **Que se pretendia esconder por trás desta objeção ao nome do teólogo guipuzcoano?**

Voltaram a ser apresentadas as motivações para a proposta do nome de **José Antonio Pagola**: os seus longos anos de professor de Cristologia na Faculdade, os seus inúmeros cursos e disciplinas opcionais sobre Jesus, as suas intervenções abertas a todo o público da cidade de Vitoria-Gasteiz, sempre que solicitado... Sublinhou-se, também, a sua projeção internacional por causa do seu livro **“Jesús. Aproximacion histórica”**, traduzido em mais de dez línguas (por exemplo, inglês, japonês, chinês e russo), e recordou-se, também, os maus tratos sofridos por parte de importantes setores da Igreja espanhola. Tudo indica que o debate foi muito intenso, e que se terá, mesmo, chegado a falar de falta de audácia na defesa da proposta do teólogo de San Sebastián. Por fim, **decidiu-se não conceder a ninguém** o título de Doctor Honoris Causa.

Foi o que aconteceu. Estou convencido de que estes bispos, se pudessem ou se tivessem coragem, até corrigiam o próprio papa Francisco, pois, efetivamente, escutando-o com assiduidade e atenção, fica-se com a impressão de que ele se inspirou em alguma das obras de **José Antonio Pagola**, ou que, pelo menos, nas suas mensagens, o papa apresenta muitas semelhanças com a obra do teólogo sobre Jesus.

Sinceramente, se, **segundo estes bispos, reconhecer os indiscutíveis méritos de José Antonio Pagola** pode constituir motivo de tensão para a Igreja, seria necessário exigir, a quem se sente incomodado com isso, que o diga abertamente. Por outro lado, se atualmente, para os bispos de San Sebastián, Bilbao e Vitoria, **a obra de Pagola se torna difícil de digerir, isso só demonstra o quanto essas individualidades estão distantes do papa Francisco**, quanto estão afastadas do povo de Deus entregue aos seus cuidados. E quanto sofrimento, abandono e perda de tempo originam, nas nossas igrejas, este afastamento da hierarquia, incapaz de se pôr em sintonia com o seu povo. É uma pena, além de ser um escândalo. Mais do que de um problema de fé ou eclesial, parece-me que se trata, aqui, de uma falta de qualidade humana. Que grandeza humana demonstram ter aqueles que não são capazes de se mostrar gratos ao ingente trabalho teológico e pastoral desenvolvido por **José Antonio Pagola** durante o seu ministério?

É verdade que todos podemos “franciscanear”. Mas esta atitude dos bispos é muito mais grave. **Se um bispo nem sequer consegue estar em sintonia com o seu povo, nem com quem, neste momento, preside aos destinos da Igreja Universal, então quê?** Que credibilidade poderá ele ter perante a sua diocese?



Fugi do carreirismo eclesiástico!

Na recepção aos alunos do Colégio Espanhol de Roma, no passado dia 1 de Abril — celebravam-se os 125 — o Papa Francisco disse-lhes assim:

«Amarás o Senhor com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todas as tuas forças». Sozinhos, não é possível crescerdes em caridade. Por isso, o Senhor nos chamou para sermos uma comunidade, de modo que essa caridade congregue todos os sacerdotes com um especial vínculo no ministério e na fraternidade. (...) Trata-se de um desafio permanente para superar o individualismo e viver a diversidade como um dom, buscando a unidade do presbitério. O presbitério que não mantenha a unidade, de facto, impede a Deus o seu próprio testemunho. Não testemunha a presença de Deus. Deita-a fora.

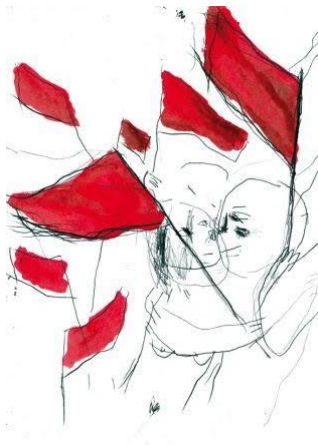
A formação de um sacerdote, que é muito importante e necessária - prosseguiu o Papa — não pode ser unicamente académica, tem de ser um processo integral, que abarque todas as facetas da vida. (...) Eu disse que a formação de um sacerdote não pode ser apenas académica. Daí nascem todas as ideologias que são uma peste na Igreja, sejam do tipo que forem: do academicismo clerical. As colunas que a formação sacerdotal tem de ter são quatro: académica, espiritual, comunitária e apostólica». (...).

Por favor (digo-vos isto como irmão, como pai e como amigo) por favor, fugi do carreirismo eclesiástico, que é uma peste, fugi!».

(Vida Nueva 3.031 [2017.04.08] 32-33)

Para ler o Discurso do Papa Francisco na íntegra:

http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/april/documents/papa-francesco_20170401_collegio-spagnolo.html



um poema de Brecht para o 1º Maio

Elogio da Dialéctica

A injustiça avança hoje a passo firme.
Os tiranos fazem planos para dez mil anos.
O poder apregoa: as coisas continuarão a ser como são.
Nenhuma voz além da dos que mandam.
E em todos os mercados proclama a exploração: isto é apenas o começo.
Mas entre os oprimidos muitos há que agora dizem:
Aquilo que nós queremos nunca mais o alcançaremos.
Quem ainda está vivo nunca diga: nunca.
O que é seguro não é seguro.
As coisas não continuarão a ser como são.
Depois de falarem os dominantes.
Falarão os dominados.
Quem pois ousa dizer: nunca?
De quem depende que a opressão prossiga? De nós.
De quem depende que ela acabe? Também de nós.
O que é esmagado, que se levante!
O que está perdido, lute!
O que sabe ao que se chegou, que há aí que o retenha?
Porque os vencidos de hoje são os vencedores de amanhã.
E nunca será: ainda hoje.

Bertolt Brecht (1898-1956)

(do livro «*Bertolt Brecht – Poemas*», Editorial Presença, Janeiro de 1976)